



## ARTIGOS

**Ciberfeminismos em tempos de Pandemia**

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

Carla Montuori Fernandes, *Universidade Paulista*

Luiz Ademir, *Universidade Federal de Juiz de Fora*

Marina Alvarenga Botelho, *Universidade Paulista*

Alícia Frota de Souza Antonioli, *Universidade Federal São João del-Rei*

---

Resumo. Este estudo tem como objetivo investigar práticas ciberfeministas nas redes sociais, especificamente no Twitter, durante a pandemia, identificando as principais redes de discussão e quais os tópicos mais abordados. Compreende-se a rede social como um espaço que amplia a esfera pública, e, portanto, como central às novas práticas feministas. As discussões baseiam-se, também, nos conceitos de cibercultura e ciberfeminismo, com foco no feminismo interseccional. O *corpus* de análise foi coletado utilizando-se o Netlytic, nos meses de janeiro e março de 2021. Como metodologia de análise dos dados, utilizou-se a Análise de Redes Sociais (ARS) e a análise de conteúdo. Já como resultados, observou-se que as práticas ciberfeministas vêm acontecendo de forma descentralizada e diminuída durante a pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Redes. Cibercultura. Ciberfeminismo. Pandemia. Twitter.

---



### Introdução

Os movimentos feministas nacionais possuem uma longa trajetória no combate ao machismo e às suas representações patriarcais em diversos âmbitos da sociedade. Apesar de dois séculos de lutas por direitos, as brasileiras ainda vivenciam situações de injustiça e desigualdade diárias. O Brasil ocupa o 5<sup>o</sup> lugar entre os países com maior taxa de feminicídio do mundo<sup>1</sup>. No cenário imposto pela pandemia do novo coronavírus, uma mulher foi vítima de feminicídio a cada nove horas durante a pandemia, em 2020, no Brasil<sup>2</sup>. No mesmo ano, a participação das mulheres no mercado de trabalho foi a menor das últimas três décadas, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>3</sup>. Ademais, conforme o relatório Mulheres em tempos de pandemia<sup>4</sup>, 84,7% dos profissionais de enfermagem em postos auxiliares e técnicos do país são do gênero feminino. Dessa forma, é possível compreender que, em diferentes esferas, as mulheres se veem diante de uma realidade em que as desigualdades estão presentes e reafirmam a carência de leis que as amparem.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo investigar práticas ciberfeministas nas redes sociais, especificamente no Twitter, durante e sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil, identificando as principais redes de discussão e quais os tópicos mais abordados. As discussões baseiam-se, também, nos conceitos de cibercultura e ciberfeminismo, com foco no feminismo interseccional. O conceito de interseccionalidade, tal como foi originalmente formulado, permite a visibilidade de múltiplas formas de pertencer a um grupo sem cair no reducionismo de um denominador comum e, conseqüentemente, em um relativismo que transforme as diversas formas de opressão em apenas um objeto de disputa discursiva (CRENSHAW, 2002, RODRIGUES, 2013). Para Hirata (2014), a interseccionalidade é um instrumento de luta política, pois é uma das formas de combater as múltiplas e imbricadas opressões.

<sup>1</sup> Dossiê Feminicídio: Por que as taxas brasileiras são tão alarmantes? Agência Patrícia Galvão, 2016. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/femicidio/capitulos/qual-a-dimensao-do-problema-no-brasil/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

<sup>2</sup> Uma mulher é morta a cada nove horas durante a pandemia. Revista AzMina, 2020. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/um-virus-e-duas-guerras-uma-mulher-e-morta-a-cada-nove-horas-durante-apandemia-no-brasil/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

<sup>3</sup> Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos, diz IPEA. Portal Geledés, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-diz-ipea/>. Acesso em: 25 de março de 2021.

<sup>4</sup> Relatório “Mulheres em tempos de pandemia”. Organização Think Olga, 2020. Disponível em: <https://thinkolga.squarespace.com/>. Acesso em: 25 de março de 2021.



O pensamento interseccional é sumamente importante para um feminismo inclusivo, já que permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e de raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna (AKOTIRENE, 2019). Logo, é essencial que estudos feministas brasileiros considerem as problemáticas relacionadas a questões raciais, de classe e de gênero para construírem literatura e ativismos que incluam as diversidades e os efeitos de tais variantes na sociedade. Ademais, o artigo discorre sobre a importância do ciberespaço como local de divulgação de experiências políticas e vivências coletivas enfrentadas por mulheres de diferentes localidades e realidades do país, no cenário imposto pela pandemia do coronavírus.

Isto posto, é necessário recorrer a ferramentas para promover o debate e a difusão de dados sobre a violência da mulher na sociedade. Nesse sentido, destacam-se as redes sociais proporcionadas pelo ciberespaço. Castells (2013, p. 18) esclarece que a cidadania na era da informação subverte “a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem”. Dessa maneira, esta pesquisa visa analisar a influência da cibercultura e, conseqüentemente, do ciberfeminismo na esfera pública.

O corpus de análise, composto por 12.844 tuítes, foi coletado utilizando-se o Netlytic, nos meses de janeiro e março de 2021. Como metodologia, utilizou-se a Análise de Redes Sociais (ARS) e a análise de conteúdo. Já como resultados, observou-se que as práticas ciberfeministas vêm acontecendo de forma descentralizada e diminuída durante a pandemia. Infere-se, também, que as poucas práticas encontradas têm partido de influenciadoras digitais, e não de figuras como movimentos sociais, organizações não-governamentais ou da mídia. Além disso, identificou-se que em março de 2021, o “mês da mulher”, houve maior conversação sobre o tema do que em janeiro do mesmo ano, apontando-se a possibilidade de publicações por conveniência, e não por prática (ciber)feminista recorrente.

## **Ciberespaço como ampliação da esfera pública**

Antes da existência da internet, diversos movimentos sociais já haviam marcado a história da humanidade e das mulheres. Contudo, com a chegada desta mídia, é possível dizer que as organizações sociais puderam desenvolver uma nova fase de atuação, para além do espaço público. Ou seja, a partir da cibercultura, o “local” do público ampliou-se para as telas, mas sem deixar para trás as construções anteriores.



Considerando esse panorama, o espaço virtual se apresenta como uma possibilidade de rompimento das divisões que separam as esferas. No ciberespaço, há uma maior exploração da liberdade de discurso, já que ele pode ser visto como um local que está além de ambos campos e no qual a atuação dos usuários se faz sem que os gêneros sejam determinantes para a escolhadas redes sociais e do conteúdo que cada indivíduo pode utilizar nesses meios. Logo, a ciberesfera permite o surgimento e a atuação do “ciborgue”, o qual “define uma *pólis* tecnológica baseada, em parte, numa revolução das relações sociais do *oikos* — a unidade doméstica”(HARAWAY, 2019, p. 160).

Em contrapartida, em virtude da concepção das esferas pública e privada enquanto espaços distintos, não conectados diretamente, preconceitos de gênero vêm sendo construídos até os dias de hoje. Ao pensar que as questões que perpassam o ambiente privado-doméstico não devem ter ou não possuem interferência na experiência pública corresponde ignorar a multiplicidade de fatores que ligam ambas partes e, com isso, fazem com que os indivíduos de uma sociedade tenham vivências distintas de acordo com as suas particularidades. A “análise crítica das relações de poder que ocorrem nas esferas convencionalmente entendidas como não públicas ou não políticas é necessária para se compreenderem as consequências políticas dos arranjos privados”, conforme apontam Miguel e Biroli (2014, p. 33).

Isto posto, é importante ter em mente o conceito de esfera pública habermasiano pensado como “a arena discursiva, livre, aberta à participação e ao reconhecimento do outro como igual no direito de uso da palavra, lugar onde as interpretações serão negociadas comparativamente” (apud Oliveira e Fernandes, 2011, p. 126).

Nesse sentido, as restrições trazidas à tona pelos efeitos do novo coronavírus entram em conflito com a ideia do espaço público como necessário na busca por direitos e para o ativismo dos movimentos sociais. Isso porque, com a volta ao espaço doméstico imposta pelas medidas preventivas da pandemia, nota-se ainda mais crucial a discussão acerca da divisão entre público-privado. Uma vez que, no ambiente doméstico, as mulheres se veem diante do acúmulo de jornadas, que incluem o trabalho ora remoto ora presencial, os afazeres domésticos, a educação dos filhos, o cuidado de familiares contaminados pelo vírus e outras atividades que as sobrecarregam. Além disso, com a impossibilidade de realizar práticas de ativismo em ambientes públicos ou pelo impedimento de promover aglomerações, as brasileiras encontram no ciberespaço um local para questionar as adversidades enfrentadas e denunciar as desigualdades de



gênero ressaltadas no cenário pandêmico.

Diante dessa realidade é possível observar que as redes cibernéticas e as tecnologias de comunicação virtuais são ferramentas essenciais na imposição de novas relações sociais para as mulheres (HARAWAY, 2019).

Ocorre, portanto, uma hibridização do espaço público dos movimentos feministas, fenômeno que Castells (2013) nomeia como espaço de autonomia. Sendo assim, é notável que o ciberespaço traz mudanças culturais às sociedades contemporâneas. Por isso, torna-se importante pensar a função dos ciberfeminismos, considerando tal contexto e as possibilidades que ele permite — principalmente na situação de isolamento social como a apresentada pela pandemia de Covid-19.

## Do(s) feminismo(s) aos ciberfeminismo(s)

Há séculos, mulheres lutam pela conquista de direitos e por uma sociedade igualitária. É possível encontrar, ainda no século XV, registros que podem ser considerados “feministas”, como o livro *Cidade das Mulheres*, publicado em 1405 da poetisa Christine de Pizan, em que a autora ressalta a importância das mulheres na sociedade. Já em relação ao termo “feminismo”, há divergências sobre a sua origem; uma vez que, em estudos de diferentes autoras, é apresentado que, inicialmente, ele não foi ocupado para definir um movimento social ou uma causa em prol dos direitos da mulher. Não obstante, é importante ressaltar que a sua primeira utilização relacionada ao movimento como tal, é realizada em 1872 pelo escritor francês Alexandre Dumas no “panfleto antifeminista *L’Homme-Femme*, em que ridicularizava o movimento sufragista, debatia sobre o adultério e atacava o divórcio”<sup>5</sup> (VARELA, 2019, p. 22).

No ocidente, a primeira onda pode ser identificada entre meados do século XIX e início do século XX, quando mulheres de classe média brancas reclamaram o direito ao voto e a oportunidades de educação, operárias saíram às ruas por melhores condições de trabalho e mulheres negras lutaram pelo seu lugar no movimento e pela abolição da escravidão. Sobre este contexto, Angela Davis (2016, p. 146) reflete que “Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino”. Anteriormente, as ações em países como os Estados Unidos e o Brasil as excluía erroneamente da noção de “mulher”, já que apenas na segunda metade do século XIX a escravidão é

<sup>5</sup> Tradução dos autores.





abolida em ambas nações. Percebe-se, então, que a busca pela igualdade acontece não somente entre os gêneros feminino e masculino, mas também entre mulheres de diferentes classes, cores e etnias.

No Brasil, a primeira legislação com foco na cidadania feminina ocorreu em 1827, quando autoriza-se a abertura de escolas públicas para meninas. Nesse contexto, destacam-se a educadora Nísia Floresta, responsável pela publicação do livro *Direitos das mulheres e injustiçados homens* (1832), e a divulgação de diversos periódicos femininos em diferentes regiões do país, os quais discutiam a situação das mulheres e propunham questões como o direito à educação e ao voto.

Já a segunda onda do feminismo americano — aqui considerado como correspondente a todo o continente denominado América, acontece entre as décadas de 1960 e 1980, sob grande influência do pós-guerra; quando as esposas, irmãs e filhas dos soldados que estiveram nas guerras mundiais precisaram trabalhar nos postos desocupados por eles nas fábricas. Durante esse período, foram debatidas questões como religião, sexualidade, construção da família como modelo tradicional e as diferentes representações do poder patriarcal. A partir de textos como *O Segundo Sexo* (1949) de Simone de Beauvoir, foi discutida a ideia de que não se nasce mulher, mas torna-se. E que ser o segundo sexo, “significa existir como ser relativo, como *Outro* em relação ao *Um*, o indivíduo do sexo masculino, e sem reciprocidade” (JOHANSON, 2019, p. 12). Na sequência, o ano de 1975 é declarado como o Ano Internacional da Mulher pela Organização das Nações Unidas, colaborando para uma maior discussão acerca de temas que já vinham sendo reivindicados anteriormente no século XX.

Já em território brasileiro, tendo em consideração que as duas décadas citadas correspondem ao período ditatorial no país, os movimentos feministas desta época se manifestaram através de jornais e revistas voltadas ao público feminino e com a promoção da institucionalização dos estudos das mulheres no meio acadêmico, a partir da criação de núcleos e grupos de estudo em universidades públicas.

A terceira onda se dá em meados da década de 1980 até inícios da primeira década do século XXI, com ênfase em temáticas ligadas à representatividade no que tange às orientações sexuais, à teoria *queer* e abordando diversas vertentes do movimento compostas por mulheres não-brancas. A partir desse momento, questiona-se o conceito de universalidade compreendido sobre “ser mulher”. E entre as principais autoras da época no cenário internacional, evidenciam-se Judith Butler, Angela Davis, Donna Haraway e bell hooks. Já no contexto nacional,



pensadoras como Sueli Carneiro e Lélia González podem ser ressaltadas, ambas com trabalhos acerca da importância da interseccionalidade no movimento.

Deve-se levar em consideração, conforme aponta Collins (2000), que gênero, raça e classe social são sistemas distintos de opressão subjacentes a uma única estrutura de dominação. Ademais, é prejudicial estabelecer uma simples comparação entre os sistemas de opressão, diante do risco de hierarquizar as formas de dominação que são intimamente interligadas umas às outras. É nesse sentido que a autora Kimberlé Crenshaw (2002) discute o conceito de interseccionalidade na perspectiva de um problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata singularmente da maneira pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros tantos sistemas discriminatórios ocasionam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Já a terceira onda no Brasil, ocorrida no período de redemocratização, lutava contra a violência de gênero a fim de questionar a falta de leis no combate à situação. Com grande apoio, tais movimentos conseguiram estabelecer a Lei Maria da Penha, em 2006.

Por fim, a quarta onda é aquela que está acontecendo agora, com o auxílio das redes sociais. Mulheres de todo o globo têm tido a possibilidade de se conectar e debater pautas em comum, fortalecendo o movimento e a sua atuação dentro e fora do ciberespaço. Em função da fusão de fronteiras entre o público e o privado, se manifestam os ciberfeminismos. Iniciada na década de 1990, esta corrente se estabelece como uma forma de ocupação política do ciberespaço, em que feminismos são praticados sob influência da cibercultura junto às possibilidades que a virtualidade e as redes sociais permitem. Ao perceber os coletivos ciberfeministas como fontes de informação, Woida (2020) pontua:

(...) o ciberfeminismo, enquanto movimento social, distante de ser uníssono sobre quais problemas são importantes e quem deve fazer parte de tal movimento, busca ser um lugar de fala como prática inerente ao feminismo, como explicita Tiburi (2019, p.55), bem como um lugar propício para criar conteúdos, refletir e agir propagando informações via Web, visando conscientizar e conseguir adesão ao movimento, uma vez que a violência e os padrões patriarcais instituídos contra a mulher não estão apenas no mundo físico, mas também no ambiente Web, especialmente nas redes digitais. (p. 2)

Uma das maiores movimentações elaboradas nesse contexto foi o



movimento “#8M” ocorrido em 55 países no ano de 2017. Sua proposta principal era realizar uma greve global pelos direitos das mulheres, após manifestações com motivações várias na Argentina — devido ao brutal feminicídio de Lucía Perez — e na Polônia — em defesa do aborto legal. Após a organização e execução mundial do projeto, o então Dia Internacional das Mulheres passou a ser chamado de “8M” nas redes sociais e em meios de comunicação online.

No Brasil, outro exemplo desta etapa pode ser visto em outubro de 2018, quando milhares de mulheres foram às ruas pela hashtag “#EleNão”, contra a eleição do então candidato à Presidência, Jair Bolsonaro. E mais recentemente, em 2019, pode ser mencionado o movimento “Un violador en tu camino”<sup>9</sup>, surgido nas manifestações do Chile, em que mulheres denunciaram a opressão e a misoginia do Estado por meio de uma performance cantada em tom crítico e desafiador por vários países da América e da Europa.

## Procedimentos metodológicos e corpus de análise

O objetivo deste artigo é realizar um estudo exploratório que visa identificar se houve manifestações e redes de movimentos ciberfeministas no Brasil, com foco na rede social Twitter, durante a pandemia. Para tal, serão analisadas as principais publicações dos agrupamentos de usuárias mais relevantes — com maior número de respostas e retuítes — na rede social com os termos “mulher”, “mulheres” e “pandemia”, a partir de amostra constituída por duas coletas feitas pela ferramenta Netlytic, nos meses de janeiro a março de 2021. A partir deste procedimento, foram obtidos 12.844 tuítes no total.

Em relação à escolha desta rede social, é importante destacar que optou-se por ela devido à sua dimensão no contexto nacional. Isso porque o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking de países com maior porcentagem de internautas que utilizam a rede, possuindo 16,2 milhões de usuários ativos em janeiro de 2021<sup>6</sup>. Deste número, mais de 41,5% são do gênero feminino<sup>7</sup>.

<sup>6</sup> Infográfico Leading countries based on number of Twitter users as of January 2021. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/>. Acesso em: 08 de abril de 2021.

<sup>7</sup> Infográfico Distribution of Twitter users in Brazil as of January 2021, by gender. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/976595/twitter-brazil-gender-distribution/>. Acesso em: 08 de abril de 2021.





Para a análise dos dados, serão utilizados dois procedimentos: a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS) e a análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Inicialmente, será executada a ARS, que, conforma aponta Recuero (2008, p. 22) se refere ao estudo dos padrões de conexões expressos no ciberespaço. Trata-se de uma metodologia que permite explorar uma metáfora estrutural para compreender elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais” e “possibilita estudar as conexões, ações e interações entre os atores de uma determinada rede, associada à etnografia digital, que leva em considerações fatores culturais e conjunturais” (BOTELHO et al., 2021, p. 125). Nesse contexto, serão analisadas as principais redes e atores sociais que produzem e circulam conteúdos com os termos supracitados, em duas das coletas, a de janeiro e a de março de 2021, que foram feitas pelo próprio Netlytic.

Além disso, serão selecionados e averiguados via análise de conteúdo os 10 tuítes mais relevantes (retuitados) de cada coleta. Como análise de conteúdo entende-se o que Bardin (2011, p. 42) caracteriza como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (...) indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Nesse sentido, em um primeiro momento foi realizado o tratamento dos dados e a categorização dos principais temas recorrentes nesses 20 tuítes que compõem o nosso corpus. Na sequência, será feita a análise e discussão dos dados.

## Análise e discussão dos dados

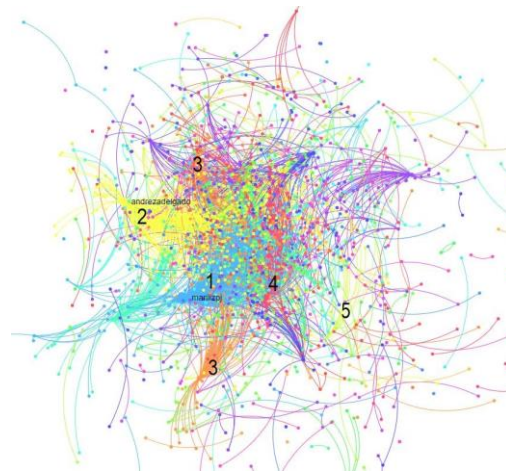
Antes de dar início à análise da constituição das redes coletadas, é importante destacar que as imagens a serem apresentadas são constituídas por grafos. Segundo Recuero (2008, p. 20), o “grafo é (...) a representação de uma rede, constituído de nós e arestas que conectam esses nós” e, para estudar redes, é necessário compreender que elas possuem “seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões” (p. 23).

No presente estudo, destacamos que os grafos são construídos a partir de algoritmos que levam em conta a relação de força entre os atores sociais envolvidos na rede e o grau de entrada que os coloca como relevantes. O grau de entrada determina a centralidade de um nó (sujeito que possui muitas conexões), a partir da quantidade de interações daquele sujeito, que, no caso do Twitter, é baseado em menções, respostas e retuíttes. Ou seja, quanto mais um ator social é mencionado, retuitado ou



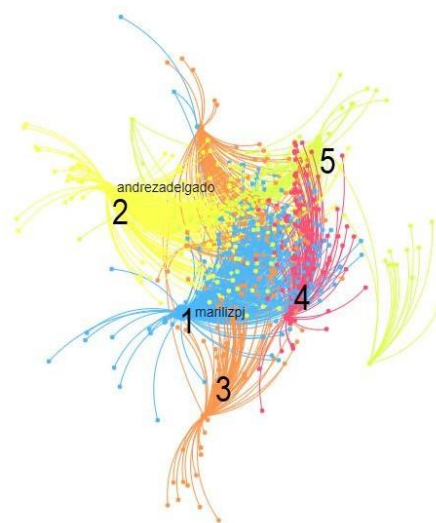
respondido, maior é o seu grau de entrada, e, portanto, mais relevante será o nó que o representa. Os grafos abaixo (Imagens 1, 2, 3 e 4) representam os cinco agrupamentos, em torno de atores sociais com maior grau de entrada e a representação visual de seus agrupamentos ou *clusters*, bem como as conexões entre os diversos grupos.

**Figura 1:** Recorte da rede de janeiro com os cinco principais *clusters*



*Fonte: elaborada pelas autoras*

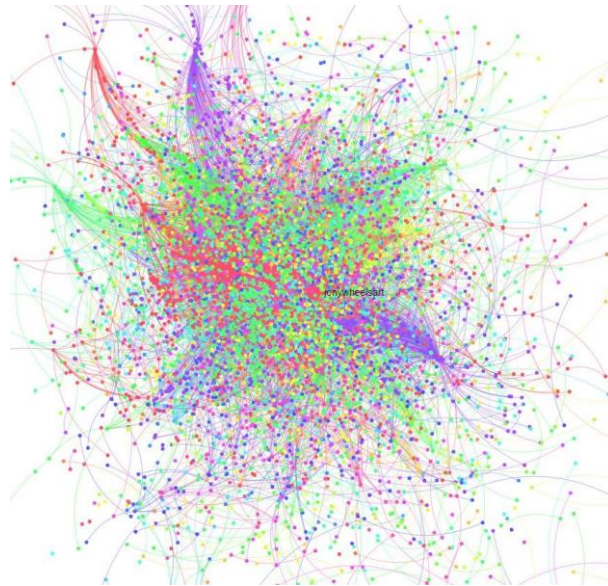
**Figura 2:** Recorte da rede de janeiro com apenas os cinco principais *clusters*



*Fonte: elaborada pelas autoras*



**Figura 3:** Recorte da rede de março



*Fonte: elaborada pelas autoras*

**Figura 4:** Recorte da rede de março com apenas cinco principais clusters



*Fonte: elaborada pelas autoras*



### Quadro 1 - Características das Redes

Características das Redes		
Nome dos dados	Rede 1 Coleta jan/2021	Rede 2 Coleta mar/2021
Diâmetro da rede	9	11
Densidade	0.000318	0.000103
Reciprocidade	0.002806	0.013480
Centralização	0.066570	0.046910
Modularidade	0.942200	0.948100

Fonte: Elaborada pelas autoras

A partir dos grafos e dados apresentados no Quadro 1, é possível inferir, que as duas redes são relativamente grandes, com os diâmetros 9 e 11, respectivamente, indicador de tamanho calculado pelo número de nós entre os dois pontos mais distantes de uma rede. A rede do mês de março é um pouco maior que a de janeiro, sendo possivelmente resultado de maior movimentação devido ao “mês da mulher”. No entanto, na rede do mês de março os grupos estão mais distantes entre si, havendo pouco diálogo.

Em relação à densidade, ou seja, a proximidade entre os participantes e, conseqüentemente, a rapidez de fluxo de informação que ali é trocada, pode-se dizer que a rede de janeiro é mais densa do que a de março. Possivelmente, esse resultado indica que, no primeiro mês, as redes de conversação interagiam e trocavam mais informação entre si. Já em março, a rede era menos conectada, e portanto, os participantes interagiam menos.

A reciprocidade indica o grau de diálogo, de relações responsivas e recíprocas entre os sujeitos das redes. Considerando isso, a rede de março possui maior reciprocidade, isto é, há mais bate-papo entre os participantes, enquanto a rede de janeiro tem menos troca (ida e volta) de interações.

Enquanto isso, o grau de centralização das redes mede quão relevantes são os nós para as interações. Isto significa que quanto mais próximo de 1, mais indicativo de que poucos participantes dominam



a conversação, enquanto, ao se aproximar de O, pode-se intuir que há maior descentralização da rede e, portanto, o fluxo de informação é mais fluido, sem contar com figuras dominantes. Observa-se, então, que a rede de janeiro é mais centralizada que a rede de março, o que pode ser reflexo de maior quantidade difusa de informações divulgadas no “mês da mulher”, gerando mais produção de conteúdo mesmo de indivíduos não tão relevantes em termos de interação e influência, que acabam se manifestando por conveniência da data, e talvez não por ser uma prática recorrente.

Por fim, na análise de modularidade observa-se a conexão entre os agrupamentos ou *clusters* e qual o grau de interação entre eles, ou mesmo, seu grau de distância. Quanto maior o valor da modularidade, mais claras são as divisões entre os *clusters*, e menos prováveis de interagirem fora deles. No caso, ambas as redes possuem alta modularidade, ou seja, embora os *clusters* sejam densos, são grupos de conversação que raramente ultrapassam os limites de seus agrupamentos, podendo, ainda, ser considerados pequenas “bolhas” de interação.

**Quadro 2 - Clusters mais relevantes das coletas**

	<b>Cluster</b>	<b>Cor</b>	<b>Principal ator social</b>	<b>Tipo de ator social</b>
jan/2021	1	Azul	@marilizpj	Jornalista
jan/2021	2	Amarelo	@andrezadelgado	Influenciadora digital e produtora de conteúdo
jan/2021	3	Laranja	@jerrydias_e @eguamariah	Usuários não-verificados
jan/2021	4	vermelho	@quebrandootabu	Portal de divulgação de conteúdos
jan/2021	5	verde amarelado	@mulher_noticia	Perfil de divulgação de “imprensa livre e jornalismo feminino”, baseado em





## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

				retuítés
mar/2021	1	rosa escuro	@jonywheelsart	Usuário não-verificado
mar/2021	2	verde claro	@mulher_noticia	-
mar/2021	3	Roxo	@camilabomfim	Jornalista RedeGlobo
mar/2021	4	verde limão	@gomesnilson	Usuário não-verificado
mar/2021	5	vermelho	@generonumero	Página de veículo de jornalismo de dados. Foco em questões de gênero e raça.

Fonte: Elaborada pelas autoras

Dentre os dez atores sociais destacados (Quadro 2), indentificam-se jornalistas, portais de divulgação de conteúdo, usuários não-verificados, uma influenciadora digital e um veículo de jornalismo de dados. Tais agentes, apesar de questionarem e divulgarem dados, notícias e informações importantes relacionadas às pautas feministas e demandas das mulheres brasileiras, não promoveram ou coordenaram redes de mobilização específicas durante o intervalo em que a pesquisa foi realizada. As redes e os *clusters* encontrados reforçam o pouco diálogo entre os diversos grupos e atores sociais envolvidos nas conversações sobre mulheres e pandemia, bem como a quase ausência de centralidade das redes.

Pela análise das redes, nota-se, então, que quando não há a promoção de ações específicas, a atuação dos atores sociais se apresenta de maneira dispersa e sem um sentido unificador ou focado em um objetivo em particular. O que ocorre é a publicação de tuítes com temáticas diversas por usuários de diferentes categorias (Quadro



1), ou seja, práticas diluídas no ciberespaço que não possuem uma figura, grupo ou partido político. Isto é, eles não necessariamente publicam sob uma linha editorial restrita; talvez com exceções às jornalistas @marilizpj e @camilabomfim.

Ainda que o Twitter não seja, geralmente, um espaço mobilizado em prol de ativismos ou ações efetivas, ele funciona como uma nova ágora, um fórum de discussões acerca de temáticas que se mostram relevantes no dia a dia das usuárias e usuários da rede. E, da mesma maneira como aqueles indivíduos que se utilizam de tal plataforma podem levar assuntos externos para debate, campanhas iniciadas neste espaço podem chegar a meios de comunicação externos. Como exemplo, é possível citar a repercussão da “#PrimeiroAssédio” promovida pela ONG Think Olga em 2015, a qual contou com a publicação de mais de 82 mil tuítes e cerca de 3 mil histórias sobre o tema. Os resultados gerados a partir da análise dos tuítes desta hashtag pela própria Organização — a média de idade de quando ocorre o primeiro assédio de meninas brasileiras corresponde a 9,7 anos e 65% dos crimes são cometidos por conhecidos das vítimas — chegaram a ser divulgados em jornais tradicionais como Folha de S. Paulo, El País e BBC à época. E isso corrobora com o que Jenkins defende (2009, p. 349); segundo o autor, o “crescente contato e colaboração entre as instituições de mídia consagradas e as emergentes, pela expansão do número de agentes produzindo e circulando mídia, e o fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas e redes” é o que promove e impulsiona o desenvolvimento da cultura de convergência.

## Conteúdo das mensagens

Neste tópico, discutiremos o conteúdo dos vinte tuítes mais relevantes, considerando o número de vezes em que foram retuitados. Para isso, estas publicações foram divididas em dois quadros: o primeiro (Quadro 3) com mensagens obtidas a partir da coleta de janeiro e o segundo (Quadro 4) a partir da coleta de março, ambos de 2021. Nas tabelas é possível conferir as mensagens e a quantidade de vezes que foram replicadas. Em seguida, por meio de análise de conteúdo, elaborou-se um quadro com as categorias encontradas, a partir de análise de conteúdo.



## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

**Quadro 3 - Os dez tuítes mais relevantes da coleta de janeiro/2021**

Coleta	Descrição	Número de retuítes
jan/2021	“Estou velha, obrigada. Estou velha, mas sou gata. Estou velha, mas nado 4K no mar. Estou velha, mas transei na pandemia mais do que muito garotão de quadril largo que escreve piada sobre mulher velha. Estou velha, mas estou muito viva. A coluna de hoje <a href="https://t.co/ub5PapmlAd">https://t.co/ub5PapmlAd</a> ”	367
jan/2021	“Alô minhas queridas amigas feministas! Vamos conversar sobre mulheres negras chefes de família que por conta da pandemia foram morar na rua com suas crianças? O que podemos fazer para ajudar essas mulheres? Só hoje estive em contato com duas que perderam casa e emprego”	226
jan/2021	“Esse é o discurso da comandante Flania Ximenes ao lado de sua copiloto, Karina Dias Santos, avisando aos passageiros que aquele vôo da Azul Linhas Aéreas Brasileiras estava levando as vacinas contra a COVID-19 para Curitiba. Mulheres na linha de frente do combate à pandemia <a href="https://t.co/u9knnjPc39">https://t.co/u9knnjPc39</a> ”	110
jan/2021	“Morre a Dra. Rosemary, mulher que liderou o combate ao negacionismo desde o início da pandemia. Seu nome fica marcado na história da saúde pública do Estado, a diretora presidente da Fundação de Vigilância Sanitária (FVS-AM) morre por complicações de covid-19. 🇧🇷”	91
jan/2021	“A cena patética de jogadores, diretoria e comissão técnica do Flamengo, em confraternização com o presidente GENOCIDA do Brasil, mancha a história do clube, que tem como torcedores homens e mulheres que estão morrendo na pandemia por conta deste governo negacionista. 🇧🇷”	81
jan/2021	“Vocês tem noção que a mulher que nos guiava em meio a esta pandemia morreu de COVID?”	79



jan/2021	“Eleita pelo Globo como a MULHER DO ANO, em 2020, por sua luta durante a pandemia, a médica Margareth Dalcomi revelou hoje sua INDIGNAÇÃO ao receber a notícia de que não há vacinas contra o COVIDno Brasil e que elas NÃO CHEGARÃO da China e nem da Índia. <a href="https://t.co/FdT7TOPZor">https://t.co/FdT7TOPZor</a> ”	64
jan/2021	“Se você tem dúvidas de que a pandemia piorou as desigualdades: - Pobreslevarão 14 anos para repor suas perdas. Milionários apenas 9 meses - Mulheres foram as que mais perderam empregos - População negra foi a mais contaminada e com o maior índice de mortes por Covid-19”	45
jan/2021	“Alfonso trabalhou mais de uma vez na pandemia com a mulher grávida e um filho pequeno mas sim ele achou fazerem a live um absurdo por aglomeração e riscos, fonte: vcs kkkk gente é cada coisa que olha...”	34
jan/2021	“A mulher que disse ao ventura "você é quase tão mau como a pandemia..deixe-me ir trabalhar" merece absolutamente tudo e espero que tenha tido um bom dia”	28

Fonte: Elaborada pelas autoras

#### Quadro 4 - Os dez tuítes mais relevantes da coleta de março/2021

Coleta	Descrição	Número de retuítes
mar/2021	“"não vou ouvir djonga pq ele fez show na pandemia" meu amigo vocêouve artista que já espancou mulher você ouve pedófilo você ouve abusador”	806
mar/2021	“Recado de quem está na linha de frente, no front da pandemia : “vou falar agora pra vc que aglomera: não tem UTI pra sua mãe.” E mais “seja rico , pobre, homem, mulher, não faz diferença. Não tem UTI”. Há pouco no @jornalnacional , já já posto o ljk”	284
mar/2021	“A meu ver, uma das coisas q ficaram muito claras nesse ano d pandemia, amais trágica, é a “igreja” não saber quem ela é; qual sua missão; onde ela está; e para onde ela vai. E ainda não conseguiu	201



## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

	distinguir adoração d templo. Mesmo Jesus tendo explicado tudo à mulher samaritana.”	
mar/2021	“hj taylor swift pode se tornar a primeira artista a ter um álbum do ano em três décadas diferentes em três generos musicais diferentes e a primeira mulher a ganhar três aoty na história tudo isso com um álbum feito remotamente por quatro pessoas em uma pandemia <a href="https://t.co/VsdZxhcPG1">https://t.co/VsdZxhcPG1</a> ”	135
mar/2021	“Não, @\ 's que estão me marcando desde o fim de semana. Não vou ligar para patrocinadores do Flamengo. Gabigol está errado de desrespeitar o isolamento na pandemia. Não se compara a um crime hediondo, ao estupro coletivo de uma mulher. Clubismo desliga o vosso cérebro. Boa semana!”	134
mar/2021	“Crimes de violência e ódio contra pessoas asiáticas aumenta nos EUA desde o começo da pandemia. Ontem, seis mulheres asiáticas foram assassinadas em Atlanta por um homem branco. <a href="https://t.co/iNyx3A9JSh">https://t.co/iNyx3A9JSh</a> ”	128
mar/2021	“Vida encurtou pela pandemia. Houve uma queda de 2,2 anos na expectativa de vida. A participação da mulher no mercado de trabalho voltou aos níveis da década de 90. o impacto da pandemia na demografia brasileira na coluna de terça. No <a href="https://t.co/iPk6rKaBFR">@JornalOGlobo</a> <a href="https://t.co/iPk6rKaBFR">https://t.co/iPk6rKaBFR</a> ”	120
mar/2021	“Maju Coutinho, mulher preta, veio de família pobre, mas esqueceu do passado e fala o choro é livre, pra quem tá passando fome, desempregado e sofrendo nessa pandemia, é o mais puro retrato desse povo q vive na bolha emanda vc ficar em! casa #GloboLixo#GloboLixo <a href="https://t.co/SVXfhU235h">https://t.co/SVXfhU235h</a> ”	116
mar/2021	“Bolsonarista não gosta muito de mulher. É bom que a doutora Ludhmila esteja preparada pros ataques mais vis e machistas a cada vez que disser o óbvio sobre a pandemia.”	83





mar/2021	“E tem mais, os trabalhadores da educação básica também são em sua maioria mulheres. Mas tá ok defender a volta às aulas na pandemia e colocar essas trabalhadoras em risco. Só não pode criticar a batata liberal pq aí sim é machismo. A situação das trabalhadoras q se foda.”	74
----------	---	----

Fonte: Elaborada pelas autoras

A partir dos 20 tuítes mais relevantes nas duas redes, foi possível estabelecer as seguintes classificações de conteúdo (Quadro 5):

### Quadro 5 - Categorização dos Tuítes

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Descrição das categorias</b>
Compartilhamento de material jornalístico	4	Predominância de compartilhamento de links de conteúdos jornalísticos, por vezes feito pelas próprias jornalistas.
Luta feminista	1	Convite à luta feminista e ao auxílio de mulheres que estão em dificuldade por causa da pandemia.
Conteúdo diverso sobre mulheres à frente do combate ao coronavírus	4	Repercussão da morte de epidemiologista à frente do combate ao coronavírus e de outras mulheres (médica, piloto de avião) que também se destacaram. Há predominância, nessa categoria, de material em vídeo.
Temas aleatórios, pessoais ou cuja referência não foi identificada	7	Destacam-se dois tuítes aleatórios, ou seja, sem padrão aparente, relativos ao mundo da música. O primeiro é sobre a repercussão do caso do cantor de rap Djonga, que fez um show durante a pandemia, e o segundo é sobre um prêmio recebido pela cantora Taylor Swift. Outros tuítes foram relativos a críticas à Igreja, ao Flamengo, à jornalista Maju Coutinho, defensora do lockdown.



## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

Críticas às consequências da pandemia e ao governo Bolsonaro	4	Questionamentos das consequências da pandemia, como aumento de desigualdade social, sendo pior para mulheres e para a população pobre e negra; crítica ao governo de Bolsonaro e a “bolsonaristas” negacionistas.
--	---	---

Fonte: Elaborada pelas autoras

No Quadro 3, referente a janeiro de 2021, a maioria das publicações não se enquadra na temática relativa às mulheres na pandemia. Entre os dez tuítes mais relevantes apresentados, apenas um se destaca pelo seu cunho abertamente feminista ao convocar um espaço de diálogo entre “queridas amigas feministas” acerca da realidade das mulheres negras chefes de família diante do contexto apresentado. Esta publicação foi feita por uma influenciadora digital, e não um coletivo ou rede feminista em particular. Isso traz à tona a questão de que, atualmente, *influencers* conseguem chegar a um maior número de pessoas do que coletividades locais ou virtuais, isto é, estes indivíduos possuem maior visibilidade nas redes. A partir disso, é possível inferir que para sair das “bolhas” de interação do Twitter e se fazer ouvida(o), é necessário ser influenciadora ou conseguir viralizar uma postagem. Isso pode ser explicado, também, devido à crescente sofisticação dos algoritmos das redes sociais e seu ao caráter homofílico. Ou seja, por não possuírem líderes específicos nem estarem ligadas a partidos ou coletividades, as ações do ciberfeminismo encontram um entrave no que diz respeito ao alcance das suas propostas. Na vasta quantidade de tuítes e conteúdos publicados diariamente na internet, as reivindicações se perdem ou não têm a oportunidade de chegar a um grande público externo. Com isso, populações mais vulneráveis encontram-se à margem desse debate.

A partir desse panorama, percebe-se que os ciberfeminismos, diferentemente dos movimentos feministas fora da web, estão mais centrados em figuras de usuários que já são influentes no ciberespaço e não em organizações particularmente. Há uma mudança de paradigma no que se refere à mediação das lutas: antes, as mediações ocorriam através de coletividades locais e, agora, elas se dão por aquelas(es) que são influentes nos meios virtuais. E, considerando a



realidade de superinformação enfatizada pela pandemia, se torna cada vez mais difícil tornar-se influente neste ambiente. Devido a isso, o fenômeno que Lévy (1999) defende como inteligência coletiva se vê abalado, assim como a ideia de espaço de autonomia de Castells (2013) enfrenta obstáculos. Afinal, por conta da comercialização de dados e edição de algoritmos sob uma lógica capitalista, os conteúdos compartilhados nas redes sociais são afetados, enfrentando dificuldades para se tornarem relevantes nestes espaços.

No mês de março (Quadro 4), houve maior incidência de tuítes publicados por usuários que se consideram ou aparentam ser do gênero masculino. Essa situação pode ter interferência da quantidade de pessoas deste gênero ser maior — 58,5 % — do que aquelas do gênero feminino — 41,5%. E isso pode estar diretamente ligado ao fato das mulheres terem maior dificuldade em acessar TICs, como ressalta Natansohn (2013, p. 16) ao afirmar que “o desenvolvimento das tecnologias não escapa às relações de poder que produzem desigualdades e contradições nas dinâmicas de acesso, uso, desenho e produção das TIC’s entre homens mulheres, brancos, negros, pobres e ricos”.

Ao examinar os Quadros 3 e 4, observa-se que os textos publicados possuem diversas palavras-chave que não estão conectadas ao tema do artigo, mas que ressaltam assuntos relevantes durante a pandemia e pautas dos movimentos feministas atuais, como a situação das mulheres negras chefes de família, o negacionismo à existência do novo coronavírus, o aumento no número de crimes de violência de gênero, a precariedade da educação no período e a queda na participação das mulheres no mercado de trabalho. Dessa forma, verifica-se que os temas são variados e plurais, características dos próprios ciberfeminismos brasileiros, que englobam uma grande diversidade no que tange à “mulher”, e a cibercultura, em que os usuários têm a possibilidade de não apenas reproduzir, mas produzir seus próprios conteúdos.

Ademais, é válido ressaltar que a coleta de janeiro captou 2.844 tuítes com os termos pesquisados, enquanto a de março obteve 10 mil tuítes. Esta diferença pode ocorrer em função de, como foi comentado anteriormente, março ser considerado o “mês das mulheres” devido à celebração do Dia Internacional das Mulheres. Portanto, ocorre um maior número de debates em que as expressões “mulher”, “mulheres” e “pandemia” aparecem.



## **Ciberfeminismos em tempos de Pandemia**

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

Apesar do ciberespaço se mostrar como um local propício a discussões, mobilizações e pressionamento de órgãos públicos por melhores condições de vida, saúde e trabalho, percebe-se que o peso do acúmulo de afazeres pode ter influência na forma como as mulheres se relacionam via redes sociais. Além da crise socioeconômica ocasionada pela pandemia, o âmbito governamental não oferece respaldos institucionais ou apresenta ações que atuem diretamente sob uma perspectiva de gênero. Para Miguel e Biroli (2014, p. 104) a falta de representatividade nos poderes governamentais também “indica uma forma de desigualdade incorporada no sistema político”.

Nesse sentido, pode-se inferir que o poder de mobilização das ciberfeministas durante a pandemia se vê diminuído devido ao foco em outras questões cotidianas que ocupam o tempo das ativistas de forma que a sua atuação entra em queda.

### **Considerações finais**

O tema foi definido a partir da sua relevância, considerando que as mulheres experienciam pandemias de forma injusta, enfrentando adversidades em função da volta ao ambiente doméstico e do acúmulo de atividades. Em consequência, índices de violência doméstica crescem ao mesmo tempo que os níveis de empregabilidade se veem em queda, entre outros indicadores sociais que apenas confirmam a urgência no debate das circunstâncias atuais e dos reflexos presentes e futuros na vida desta parcela da sociedade.

Para o estudo do assunto, foi feita uma coleta no Twitter pela qual foram coletados 12.844 tuítes em que os termos “mulher”, “mulheres” e “pandemia” foram encontrados, nos meses de janeiro e março de 2021. A partir deles, foram obtidos os cinco principais agrupamentos de usuárias(os) de cada amostra em torno destas palavras, dos quais foram extraídos os dez atores sociais mais relevantes — respondidos e republicados — e, por fim, os vinte tuítes mais replicados na rede durante este período.

Durante a análise dos dados, foi possível perceber que, por mais que, inicialmente, a intenção tenha sido de exaltar prerrogativas



da internet e do ciberespaço como ambientes de grande potencial transformador, através deste estudo empírico, percebeu-se que as ações não ocorrem de forma organizada e, portanto, não há mudanças diretas ou expressivas na prática dos movimentos feministas ou câmbios na política externa à rede social Twitter. Todavia, é importante retomar que, mesmo não sendo um local de mobilização, a plataforma se torna um fórum de debates necessário. Isso porque, como agrega Natansohn (2013), o “mundo virtual contribui pelo menos para a agitação e para o movimento no cotidiano não-virtual; das estratégias que consigamos desenhar e para fortalecer o processo dependerá finalmente que se converta em uma ferramenta decisiva de transformação” (p.73).

À vista disso, conclui-se que há, sim, uma organização — o(s) feminismo(s) e, posteriormente, o(s) ciberfeminismo(s) — que sofreu modificações em relação às figuras mediadoras de suas demandas, mas que ainda se mostra como um espaço timidamente ocupado. Isto é, antes a mediação se dava pela ação de coletivos e grupos tidos como locais; e, atualmente, ela é promovida por quem se destaca como influente nas redes. Com isso, observa-se uma ocupação diluída e descentralizada, o que, por um lado amplia seu alcance, mas por outro lado, pode gerar menos ações efetivas de práticas feministas.

O presente estudo aponta, sob um olhar mais pessimista comprovado pela experiência, que aquilo que é abordado e debatido no Twitter não ganha tamanha amplitude para influenciar a ação na esfera pública caso não seja coordenado em campanhas organizadas e com propostas objetivas específicas. Consequentemente, “urge pensarmos, então, as mídias digitais como ambientes comunicacionais que articulam sentidos para a organização de ações coletivas a partir das trocas. Entretanto, o percurso ainda é lento, sutil e desigual” (SCHWENGBER, 2020, p. 23).

## Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. *Feminismo e Política*. São Paulo: Boitempo, 2014.





## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

BOTELHO, M. A. et al. *Mídia e Poder no contexto da crise política e sanitária: das eleições de 2018 à pandemia de covid-19*. São João del-Rei: independente, 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. (Org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 313-322.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, H. (Org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 157-212.

JENKINS, Henry. *A Cultura da Convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHANSON, Izilda. A dimensão ética de Simone de Beauvoir. *Revista CULT*, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 8-13, janeiro, 2019.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: 34, 1999.

NATANSOHN, Graciela (Org.). *Internet em código feminino. Teorias e práticas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía, 2013. p. 15-75.



OLIVEIRA, L. A.; FERNANDES, A. B. Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana. *Revista Estudos Filosóficos*, v.6, p.116-130, 2011.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marcos; ZAGO, Gabriela. *Análise de Redes para Mídia Social*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

SCHWENGBER, M. S. V. et al. Discursos dos Ciberfeminismos e Vulnerabilidades das Violências de Gênero em Tempos de Covid-19. *RDP*, v. 17, n. 94, p. 309-335, 2020.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em Comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VARELA, Nuria. *Feminismo 4.0: la cuarta ola*. Ciudad de México: Ediciones B, 2019.

WOIDA, L. M. Coletivos ciberfeministas como fonte de informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 25, p. 01-24, 2020.



## Ciberfeminismos em tempos de Pandemia

uma análise de redes e práticas a partir do Twitter

### Cyberfeminisms in times of Pandemic: an analysis of networks and practices from Twitter

**ABSTRACT:** This study aims to investigate cyberfeminist practices on social networks, specifically on Twitter, during the pandemic, identifying the main discussion networks and which topics are most addressed. The social network is understood as a space that expands the public sphere, and, therefore, as central to new feminist practices. Discussions are also based on the concepts of cyberculture and cyberfeminism, with a focus on intersectional feminism. The analysis corpus was collected using Netlytic, in the months of January and March 2021. As a data analysis methodology, Social Network Analysis (ARS) and content analysis were used. As a result, it was observed that cyberfeminist practices have been happening in a decentralized and diminished way during the pandemic.

**KEYWORDS:** Network Analysis. Cyberculture. Cyberfeminism. Pandemic. Twitter.

**Carla Montuori FERNANDES**

*Doutoranda em Comunicação pela Universidade Paulista (UNIP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Especialista em Cinema e Linguagem Audiovisual. Bacharela em Comunicação Social pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista CAPES.*

**Luiz ADEMIR**

*É Pós-Doutor em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Doutor (2005) e Mestre (1999) em Ciência Política (Ciência Política e Sociologia) pela Sociedade Brasileira de Instrução - SBI/IUPERJ, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Associado III do Curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Atualmente, atua como docente, pesquisador do curso de Comunicação Social - Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).*



**Marina Alvarenga BOTELHO**

*Doutoranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIP, na linha de pesquisa Configuração de produtos e processos na cultura midiática, bolsista da CAPES.*

**Alícia Frota de Souza ANTONIOLI**

*Graduada em Comunicação Social na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Desde 2019, realiza pesquisas relacionadas a feminismos, comunicação digital e cibercultura. Durante a graduação, fez mobilidade acadêmica em Jornalismo/Produção Cultural na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e intercâmbio em Ciencias de la Comunicación na Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo (UAEH/México). Foi bolsista de iniciação científica pelo PIBIC/UFSJ com a temática "Feminismo e Ativismo Digital". Atuou como extensionista dos programas Inverno Cultural, Mostra Universitária de Audiovisual e Da Ideia à Luz, estagiou na Assessoria de Comunicação da UFSJ e no Departamento de Artes da Cena da UFSJ - relacionados às áreas de mídias sociais, assessoria de imprensa e produção cultural. E também foi monitora no Laboratório de Fotografia da UFBA.*

*Recebido em: 22/02/2022*

*Aprovado em: 01/07/2023*